

A
História
Esquecida da
Hospedaria
na Estrada

C. A. SALTORIS

A
História
Esquecida da
Hospedaria
na Estrada



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © C. A. Saltoris, 2014

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Jadna Alana

PREPARAÇÃO
Raquel Escobar

REVISÃO
Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Saltoris, C. A.
A história esquecida da hospedaria da estrada / C. A. Saltoris. – 2ª edição –
São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-03-8

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Este livro surgiu da minha obsessão
pela música *Hotel California*.

Introdução
O narrador se apresenta

Prólogo

Quando se vive entre os mundos, as horas não passam; os dias são longos e as noites, quase infinitas. Quando se vive entre os mundos, mas em nenhum, a vida perde o sentido apenas para encontrar outro — ou você se perde de vez dentro dela.

Quando vivi entre os mundos, aprendi coisas sobre as pessoas que nunca antes me interessara em saber. Vi que o amor não é tão fácil quanto deveria ser nem tão difícil quanto poderia. E descobri que ele é, acima de tudo, feito de escolhas.

Quando vivi entre os mundos, aprendi que todo fim é um recomeço.

Capítulo 1

A estrada estava escura e vazia hoje. É uma estranha noite de outono... ou verão? Estou cansado, muito cansado. Sei que estava triste e sem esperanças quando saí de casa... Ou, pelo menos, é no que acredito.

Não sei bem por que resolvi anotar tudo isso. Até que acho o hotel bastante bonito...

Ah, sim! Lembro que o meu celular vibrava sem parar, mas eu não queria falar com ninguém. No rádio tocava música, e aumentei o volume para não ter que escutar os meus pensamentos. Não conseguia ver bem. Precisava parar, mas nem o meu sistema de navegação nem o mapa indicavam quaisquer possibilidades de pernoite; porém, meus olhos já fechavam e fiquei preocupado.

Então, de repente, vi algo amarelo. Era uma luz difusa. Confesso que a visão me deixou desconfortável; ainda assim, fui atraído por seu brilho. Subitamente, senti-me enjoado e a minha cabeça pesou. Ao me aproximar, percebi que a tal luz estranha vinha de um casarão, uma mansão! Eu me lembro vagamente de que fizera uma reserva... Mas por que tenho dúvidas quanto a isso? E lá estava ela, parada à frente dos portões, com uma vela na mão. Não sei o que pensei quando a vi, mas, no momento em que meus olhos encontraram os dela, segui até lá e não consegui fazer outra coisa além de parar o carro.

Não sei onde estacionei. Saí do veículo e caminhei diretamente até ela, como se eu já não tivesse vontade própria. Ela parecia esperar por mim... ela disse esperar por mim! Disse que eu ligara...

Também lembro bem que achei estranho que ela estivesse descalça e usando um leve vestido branco em uma noite tão fria. Tinha o tal baile de máscaras. Não quis descer do meu quarto para participar da festividade. Estranho, não vi ninguém fantasiado, mas ouvi vozes. Ou acredito ter ouvido vozes. Esse sono... é sobrenatural. Acho que bebi demais. Será? A minha mente está confusa. De muitas coisas que aconteceram hoje, não lembro mais... Mas que droga!

Meu nome é Mathew Roberts, e este é o meu diário.

P.S.: se você o estiver lendo, quer dizer que algo na minha vida deu muito errado.

Nesta passagem, infelizmente, preciso interromper este conto, caros leitores, e peço perdão por isso. Nosso caro Mathew não pode contar esta história, porque ele não sabe todos os detalhes. Para conhecer, de fato, esta história, vocês precisam de um narrador que é onipresente, alguém que conheça cada um dos envolvidos, que esteja em todo lugar. Precisam de alguém que seja elementar. Precisam de mim. Sim, pode parecer um tanto arrogante da minha parte, mas é assim que as coisas são, pois de outro jeito elas não poderiam ser. Histórias como esta só podem ser contadas por alguém que é imparcial, porque ele não *pode* tomar partido.

Todavia, não se assustem, caros leitores. Todos vocês me conhecem, pois sou um deus. Sou um dos deuses mais importantes e reais que a humanidade já viu. Pertencço aos poucos deuses cuja existência é irrefragável. Há momentos em que vocês me amam, mas, na maioria das vezes, humilham-me e não me compreendem. Frequentemente, até mesmo me maltratam. Mas vocês precisam de mim, e vocês precisam de mim sempre!

Eu sou Chronos, também conhecido como Tempo, e hoje o vosso anfitrião e narrador.

Rebobinemos o tempo. Soa divertido quando digo isso, não? Mas se há alguém que pode rebobinar o *tempo*, então este alguém é o tempo em pessoa.

Ainda me lembro do dia em que a vi pela primeira vez...

Para começar a narrar, preciso esclarecer que, lá no lugar de onde ela vem, não passo. É quase como se eu não existisse. Quero dizer, eu existia, sim, mas não da maneira como as pessoas me conhecem. E por esse motivo, entre outros, pude conversar com ela pessoalmente, assim como vocês fazem: de ser humano para ser humano. E que criatura mais fascinante ela

era! Ou talvez ela fosse para mim assim tão fascinante, porque eu nunca havia conversado com mais ninguém antes dela. Quem sabe?

Pois, retomemos a história de onde Mathew parou de contar.

Lá estava eu, sentado no balcão da recepção ao lado de George, que, por sua vez, estava sentado em uma *cadeira*, não *em cima* do balcão, mas *atrás* dele, obviamente.

Ele se dera esse nome porque acreditava que era um bom nome para um *serviçal de cor*. Jamais entendi essa lógica e, se for sincero, digo que achava essa visão boba e cheia de preconceitos. Mas esse era o nome dele, e ele tinha o direito de escolher aquele que mais o agradasse, ainda que eu o achasse estúpido. Muitos o chamavam de *Big G*. Até mesmo eu, quando usava a minha capa humana, chamava-o assim, ainda que todos os músculos do meu cérebro relutassem contra isso.

Ao lado de George, sentada no chão, estava Arabiella Olhos Insanos, que fora apelidada de *Ella*, e que sempre se sentava no chão, sabe-se lá por quê. E por que ela era chamada de Olhos Insanos? Bem... para saber a resposta, era preciso somente olhar para ela. Era completamente louca! Penteava-se raramente e ria com muita frequência, principalmente nos momentos em que não havia nada do que rir. Nunca a compreendi de verdade, mas a mestra gostava e precisava dela, então eu... Como se diz mesmo? Ah, sim: a *tolerava*.

Já eu preferi uma forma humana no aspecto de um moleque — bem, *preferir* pode ser o verbo errado, já que não tive exatamente o direito de escolha com relação a qual capa usar. Mas isso nós veremos mais à frente. E se essa palavra lhes soa muito antiquada ou não correta, digamos, então, que usei a figura de um *menino... um rapaz* de dezesseis anos, de cabelos loiros lisos e brilhantes olhos verdes. Eu gostava bastante dessa capa e percebia que as outras pessoas também o faziam. Eu tinha uma *boa aparência*, como se diz. Esse tipo de coisa é necessária em meio a humanos, assim as pessoas o levam a sério e lhe dão mais atenção.

Esse fato os surpreendeu agora, não é mesmo? Não queria dizer logo de início que também estive presente nesta história, ou melhor dizendo, que estive presente em *carne e osso*. Não quis soar ainda mais arrogante, e nós não devemos tirar conclusões precipitadas, correto? Portanto, agora vocês sabem, e posso continuar com a minha narração.

Eu estava sentado à espera do novo hóspede que, como sempre, seria trazido pela mestra pessoalmente até o interior da hospedaria.

Ah, ela... Era um ser que me encantava. Ela encantava simplesmente a todos. Porém, isso tinha muito mais a ver com a sua profissão do que com sua imagem. Ainda que, aos meus olhos, ela sempre tivesse sido bela.

Se pudéssemos traduzir seu nome em algum idioma humano, ela se chamaria Linumê. Aqui, ela também se chamava Tiffany, porque esse nome era bem mais fácil de decorar e pronunciar. Acredito que ela o escolhera por causa de uma loja em que se vende joias. Ela gostava de coisas brilhantes, embora jamais usasse quaisquer pedras ou metais preciosos.

Também me permito a liberdade de descrever aquela noite em detalhes, porque Mathew não sabe fazê-lo. Definitivamente, não. Talvez ele tenha vivido muitas dessas noites e tivesse desaprendido como lhes dar o devido valor. Para mim, no entanto, era especial. Para mim, era simplesmente tudo de valor incalculável: o que eu fazia, escutava, inalava... *sentia* dentro da minha capa humana.

Vocês precisam saber que estou em todos os lugares ao mesmo tempo, que não possuo massa corporal, uma pele ou um estômago. Prazer, tristeza, felicidade — tudo isso me é negado. Eu existo, e isso já é tudo. Então, quando tive a chance de *sentir*, assim o fiz, e o fiz intensamente. O sentir mudou a minha existência por completo. Eu invejava os humanos por tal capacidade — os invejava porque ganhavam esse maravilhoso presente todos os dias, de novo e de novo, a cada nascer do sol. E eu os odiava porque não o usavam corretamente. Podiam tocar, cheirar, ver, correr, rir, chorar, degustar e faziam tudo isso de maneira tão profana, tão casual, que me indignava. E ainda indigna.

Quando tive um corpo, vivi abundantemente e desfrutei de todas as pequenas coisas que me eram apresentadas, como se não houvesse amanhã. Apreciava tudo o que estava à minha volta, porque sabia não poder permanecer ali eternamente. Sabia que a minha vida entre os mundos era limitada. Assim é também com os seres humanos, e eles até mesmo têm ciência disso. Contudo, nunca mudam o seu comportamento. A verdade é que jamais os entenderei.

Agora, voltemos à descrição: no início da noite em que Mathew chegou ao hotel, eu estava no jardim, admirando o céu, enquanto esperávamos pelo novo hóspede.

Era uma noite sem nuvens, clara e fria, pois era outono — fim de outono, para ser mais preciso, com resquícios de um inverno que já se anunciava. Eu inspirava fundo o ar frio e o deixava escorregar pela traqueia e encher

os pulmões, então o expirava e o via se transformar em vapor bem diante dos meus olhos. Fazia isso várias vezes, uma atrás da outra, pois achava divertido acompanhar a mudança do ar depois que ele entrava em contato com a temperatura morna do meu corpo.

Eu também observava a lua crescente. Uma nuvem fina, como uma teia, tentava encobri-la inutilmente. Como se um véu transparente fosse capaz de esconder a grandiosidade da beleza de uma mulher! E assim, a lua continuou a brilhar, imperturbada, sobre mim, como uma deusa sobre seu reino. Tudo ao meu redor — as árvores, a pequena fonte; sim, até mesmo as pedras feias que cobriam o chão — brilhava em prateado. A água na fonte estava espelhada e refletia a beleza à minha frente, acima de mim, aos meus lados, às minhas costas. Assim, naquele espelho inundado e inconstante, eu podia vê-la por duas perspectivas ao mesmo tempo e degustá-la com os meus sentidos humanos. A imagem era como uma miragem, só que mergulhada em um outro elemento.

— Christopher? — Sua voz soou gentil atrás de mim.

Era assim que ela me chamava: *Christopher*, pois acreditava que o meu nome verdadeiro pudesse assustar as pessoas.

Eu a segui sem dizer qualquer palavra. Sabia que o novo hóspede estava a caminho, e nós todos precisávamos esperar por ele na recepção. Nós, no caso George, Arabiella e a minha pessoa, trabalhávamos para ela. Os dois porque ela era uma espécie de *proprietária* deles, e eu porque nós havíamos feito um trato e ela me permitira ficar — na verdade, implorara para que pudesse ficar, mas isso também contarei mais à frente.

E aqui nós estamos novamente, na cena em que eu estava sentado em cima do balcão.

Quando Linumê entrou na recepção com o novo hóspede, ela parecia outra criatura. Eu não sabia explicar o que, mas alguma coisa nela estava significativamente diferente. Paciente, ela fez o *check-in* de Mathew e, educada como de costume, indicou que George e eu o acompanhássemos até seu quarto. Esse era um processo comum, assim fazíamos sempre. Mas a vela que trazia consigo, ela não apagou. E o que *isso* significava eu iria descobrir muito mais tarde.

Agora, caros leitores, vocês já conhecem todos os personagens importantes desta história, com exceção de um ou dois. Mas não se preocupem, chegaremos lá, devagar e sem pressa, pois nós temos todo o tempo do mundo...